



O Ilusionista

Álvaro Cardoso Gomes*

This entire allegory, I said, you may now append, dear Glaucon, to the previous argument; the prison-house is the world of sight, the light of the fire is the sun, and you will not misapprehend me if you interpret the journey upwards to be the ascent of the soul into the intellectual world according to my poor belief.

Plato, *The Republic*, Book VII.

Sou psicólogo e trabalho num abrigo da Prefeitura, onde atendo os desvalidos da sorte que esta monstruosa cidade nos envia cotidianamente. Cabe a mim ouvir as queixas deles, aconselhá-los quanto a uma hipotética adaptação à sociedade, embora saiba que isso é absolutamente inútil. Logo voltarão à subvida que escolheram ou para que foram escolhidos. Já trabalhando há muito tempo nesta função, acabei desenvolvendo uma rara capacidade – a da paciência. Ouço, portanto, sem demonstrar irritação, as histórias pungentes, cruéis ou no mínimo curiosas, que, por vezes, têm estranhas semelhanças com a de certas personagens que conheci em minhas leituras. Nas horas vazias, quando não há ninguém a atender, gosto de ler, em vez de jogar dominó ou cartas, como costumam fazer meus colegas. Uma dessas histórias que ouvi me impressionou bastante e pude ver nela ecos da tragédia do pobre Gaspar de la Nuit, que mereceu, inclusive um comovente poema de Verlaine, que reproduzo aqui de memória:

Je suis venu, calme orphelin,
Riche de mes seuls yeux tranquilles,
Vers les hommes des grandes villes:
Ils ne m'ont pas trouvé malin.
A vingt ans un trouble nouveau,
Sous le nom d'amoureuses flammes,

* Álvaro Cardoso Gomes (n. 1944, Brasil) é, atualmente, professor titular da Universidade São Marcos, onde foi coordenador do curso de Letras e Pró-Reitor de Graduação. Tem inúmeros artigos científicos publicados sobre literatura brasileira. É também crítico literário e romancista. Como ensaísta, publicou *O poético: magia e iluminação* (1989) e *A santidade do Alquimista* (1998). Das suas obras criativas, destaque para *Os rios inumeráveis*, romance (1997); *Contracanto*, romance (2003); *A boneca platinada*, romance (2007); *Ficções lunares*, poesia (2008).



M'a fait trouver belles les femmes:
Elles ne m'ont pas trouvé beau.

Biens que sans patrie et sans roi
Et très brave ne l'étant guère,
J'ai voulu mourir à la guerre:
La mort n'a pas voulu de moi.

Suis-je né trop tôt ou trop tard?
Qu'est-ce que je fais en ce monde?
Ó vous tous, ma peine est profonde:
Priez pour le pauvre Gaspard!

Conheci esse homem numa noite chuvosa, fria, quando o trouxeram até a minha sala, vestindo um velho pijamas de listas. Os policiais que faziam a ronda numa praça central da cidade haviam-no encontrado sentado num banco com os olhos fixos num gigantesco outdoor luminoso no topo de um edifício. Acharam no mínimo estranho a postura daquele velho quase nu, à exceção do trapo na cintura, à guisa de uma tanga, os longos cabelos desgrenhados vindo até a cintura, as unhas compridas, e sujo como um esfregão. Como havia ordens expressas das autoridades para tirar os vagabundos da rua, os policiais abordaram-no, pedindo-lhe os documentos e perguntando sobre seu domicílio. Ele não reagiu e continuou com aquele olhar catatônico fixo na beldade quase nua, emoldurada por brilhantes focos de luz, que fazia propaganda de vestes íntimas. Um dos policiais, já irritado com sua atitude, cutucou-o de leve com o cassetete. Ele deu apenas um sorriso manso e disse:

- A mulher. A bonita. É a de verdade.

Então, pensando que fosse um dos muitos doidos que costumam aparecer nas ruas da cidade, empurraram-no até a viatura e o trouxeram para o abrigo em que trabalho. Aqui chegando, sem reclamar, tomou banho, deixou-se examinar pelo médico de plantão e ser borrifado com um produto contra piolhos, comeu da sopa rala e vestiu-se com o velho pijamas que lhe deram. Quando lhe perguntaram o nome, respondeu numa voz sumida:



- Zé.

- José do quê?

A pergunta ficou sem resposta. Quando lhe perguntaram a idade, não soube responder. Muito vagamente, respondeu que nascera nos arredores de Araçaí, pequena cidade conhecida por antigas minas de ouro, a maioria delas, desativadas. Não se lembrava dos pais, dos parentes. Como respondesse sem desvarios, de uma forma controlada e com certo senso de lógica, o médico concluiu que não era propriamente louco. Mas não sabia ler nem escrever. Quando indagado o que fazia na cidade apenas vestido de tanga, tartamudeou uma explicação sem pé nem cabeça. Como já conheciam de sobra minha paciência com os desvalidos da cidade, encaminharam-no a mim, para ver se conseguia desentranhar alguma coisa da criatura. Não precisei de muito esforço para que se dignasse a contar sua história, o que fez, construindo uma narrativa fragmentada, cheia de hiatos, em que havia interpolações temporais absurdas, incongruentes. Enxergando ali um caso realmente digno de estudo, colhi seu testemunho e organizei um texto mais coerente que, de certa forma, para os bons entendedores, poderá explicar seu enigma:

Como tinha dito, era de Araçaí, mais propriamente da miserável zona rural da cidade. Não se lembrava dos pais e, ao que parece, vivia num casebre com uma irmã mais velha, uma tia ou mesmo uma parenta afastada. Mal comia, pois nada havia o que comer em casa. Assim, alimentava-se de terra e de insetos. Não havia freqüentado escola. Quando os funcionários de uma das minas de ouro da região procuraram a tia (ou irmã, ou parenta afastada) para arregimentá-lo para trabalhar, a velha não hesitou em vendê-lo por alguns tostões. Zé não sabia ao certo quantos anos tinha na ocasião. A data do nascimento, os anos corridos era para ele mistérios impenetráveis. Só se lembrava de que era muito pequeno. Lembrava-se também de que – aventura excepcional para ele – fora colocado na carroceria de um grande veículo com outros garotos e conduzido até a mina. Lá, fora levado a uma cova, iluminada apenas por precárias lâmpadas. Em seguida, recebendo uma pá, um prato e uma caneca, um cobertor para se cobrir, foi introduzido, com a ajuda de uma corda amarrada à cintura, num poço tão estreito que mal dava para passar seu mirrado corpo. Aterrorizado e esfolando-se todo, desceu por um tempo que lhe pareceu uma eternidade até



uma ampla caverna, onde o esperavam garotos, uns do seu tamanho, outros, maiores do que ele.

Um deles, que parecia ser o líder – um jovem já taludo, com barba e voz grossa – disse a Zé o que tinha que fazer: cavar com a pá e extrair as pedras que contivessem pepitas de ouro incrustadas e colocá-las numa caçamba apropriada. Ao final do dia, seria recompensado com um prato de feijão com arroz e uma caneca de café com leite. Os que se recusassem a trabalhar, pelo que Zé contou, ficariam sem comer.

Ele logo se acostumou com a rotina e, estimulado pela ração diária, entregou-se ao trabalho.

Interrompi-o nesse ponto da narrativa, perguntando se o trabalho era muito duro, difícil:

- Não era – ele respondeu.

- Como assim?

- Gostoso.

- Gostoso por quê?

- Comida.

- E diversão?

Zé olhou para mim como se não tivesse entendido a palavra.

- Quero dizer: além de trabalhar, vocês não brincavam, não tinham permissão de sair da mina?

Zé ficou pensativo, piscando sem parar, para depois responder:

- Sair a gente não podia sair.

- Bem, então, vocês se distraíam com o quê?

- Brincando.

- Brincando do quê?

- Jogo, depois também de coisa gostosa.

- Jogo? Que tipo de jogo? Que tipo de coisa gostosa?

Ele explicou que costumavam inventar jogos, como, por exemplo, um muito parecido com basquete: apostavam quem encestava de longe mais pedras na caçamba. As apostas eram pagas com partes da refeição, com o perdedor traba-



lhando no lugar do ganhador ou com a prestação de favores sexuais. Já as coisas gostosas se referiam explicitamente às relações sexuais. Pelo que pude deduzir da narrativa incongruente de Zé, por incrível que pareça, não havia estupra-dores entre os garotos. As relações sexuais eram espontâneas e resultavam de simpatias naturais, criando-se, assim, alguns laços de afeto entre eles.

Zé refletiu um pouco para depois dar um sorriso e continuar contando:

- Tinha também coisa mais gostosa de tudo.

E ele acabou por revelar que as pequenas diversões cotidianas – os jogos e a prática sexual – acabaram, por um incidente fortuito, sendo substituídas por outra melhor ainda que os envolveu completamente. Talvez devido a um tremor de terra, um dia, apareceu uma frincha no alto da caverna, por onde passaram a penetrar tênues feixes de luz que projetavam numa das paredes da cova imagens provenientes do mundo exterior. Esse fenômeno, que só acontecia num momento específico do dia, tinha, contudo, curta duração, conforme pude deduzir da narrativa de Zé. Nesse diminuto espaço de tempo, os jovens e crianças, atraídos pelo inusitado espetáculo, habituaram-se a sentar diante da parede para assistir à sucessão de imagens: os reflexos cambiantes da luz, a sombra de um pássaro, deslocando-se, ora lenta, ora rapidamente pelo espaço, de um animal qualquer galopando em frente à parte exterior da frincha, de ramos de árvore balançando, ou mesmo de homens, mulheres e crianças agitando-se. O espetáculo provocava o maior entusiasmo quando, por exemplo, havia uma revoada de pássaros, ou quando um homem e uma mulher se beijavam ou, nos casos mais extremos, quando, movidos pela ira, as personagens faziam gestos ameaçadores, se atracavam.

Esse espetáculo diário costumava ser bastante apreciado e, num determinado instante da vida daqueles jovens e crianças, sem que o percebessem, passou a se configurar como a verdadeira realidade, já que, neles, ia se apagando a memória das coisas que haviam contemplado em vida: as casas, os campos, as árvores, um cão, uma vaca, um cavalo, um poço d'água, os morros ao longe, os homens, as mulheres, o céu, as nuvens, o sol, a lua, os incidentes fortuitos do dia-a-dia. E, como viviam praticamente no escuro, iluminados apenas por fracas lâmpadas, deduzo que chegaram, num determinado ponto, até a pensarem



que não tinham propriamente realidade, porquanto a realidade deviam ser as sombras que se moviam tão livremente na parede.

Assim, esse universo cheio de coisas das mais diversas, de formas tão cambiantes, de movimentos variegados, que lhe iluminavam a vida com tanta beleza, passou a lhes causar tanta excitação que não viam a hora de as luzes penetrassem pela frincha para que tivesse vez o espetáculo. Contemplar, portanto, as sombras projetadas na parede passou a ser a razão única da vida daquelas pobres criaturas que, pelo cálculo de seus exploradores, jamais veriam novamente a luz do sol. Contudo, por ironia do destino, justo o Zé teve a oportunidade única de sair de lá. Por um motivo que ele não soube explicar, um dia, quando estava escavando num dos cantos da caverna, deu com um túnel. Curioso, meteu-se nele e, após rastejar por vários metros, ora dobrando à direita, ora à esquerda, enxergou ao longe um clarão. Continuando a rastejar, notou então que a luz se tornava cada vez mais forte, de maneira que, chegando na boca do túnel, ficou instantaneamente cego pela claridade. Aos poucos, com grande dificuldade, foi se libertando do ofuscamento, até que pode distinguir o verde do mato, das árvores, as vacas, os cavalos. Levantando a cabeça, viu o azul do céu, nuvens brancas, aves e o disco do sol que quase o deixou cego novamente, obrigando-o a proteger os olhos com as mãos. E isso tudo que gravou em suas retinas pareceu lhe despertar algumas recordações. Era como se tivesse de repente a sensação do conhecido fenômeno do *déjà vu*, o que lhe provocou uma incrível euforia. Pensou confusamente que tudo aquilo era muito mais belo que as sombras projetadas na parede da caverna. Filtrando seus pensamentos, acreditou que ele devia ter refletido de um modo incongruente que ele e seus companheiros eram muito ingênuos, a ponto de achar que as imagens, as sombras eram a realidade propriamente dita. Resolveu, então, voltar atrás e contar a eles as maravilhas que havia tido oportunidade de completar e alertá-los para sua cegueira.

Mas, os companheiros, que pareciam ter perdido completamente a memória do passado e, portanto, nada mais conheciam além do universo da mina, não só se recusaram a acompanhá-lo, para também ver as belas coisas que vira, como também caçoaram dele, tachando-o de idiota:



- Bonito é o que a gente vemos, seu besta! – disse um deles, dando-lhe um tabeife. – Não existe nada mais bonito. Você está doido. Isso não existe.

Dando-se conta de que não conseguia convencê-los de jeito nenhum, Zé voltou ao túnel. Tolos eram eles que preferiam ficar brincando com as sombras das coisas, refletiu. Depois de percorrer novamente o túnel, saiu da mina e pôs-se a passear ao acaso. Encontrando um rio, bebeu um pouco da água turva, escura, mas, em vez de ter a sede aplacada, sentiu um gosto resinoso na boca. Continuou a andar e encontrou um sitiante a quem contemplou com muita atenção, e lhe pareceu que, algum dia, em sua curta vida, já havia contemplado uma pessoa tão grande, com bigode. Quando? Quem era? O sitiante, sentindo-se incomodado pela demorada contemplação e pensando que ele fosse um dos muitos vagabundos que perambulavam por ali, ameaçou-o com um pau. Zé fugiu dele, correndo e foi se esconder num maciço de árvores. Como sentisse fome, apanhou mangas jogadas no chão, algumas verdes, outras maduras, e comeu até se saciar. Mas não demorou muito, começou a sentir fortes cólicas, o que o fez sentir saudades do prato de arroz com feijão. Não suportando a dor, saiu da mata e, encontrando uma casa, dirigiu-se à mulher que estava à porta, tartamudeou o pedido de uma caneca de café com leite, mas ela o pôs logo para correr com palavras ásperas. Andando sem destino, encontrou um garoto taludo que quis abusar dele; como resistisse, apanhou muito e caiu desacordado.

Quando se recuperou, Zé notou que era quase noite. Não bastassem as dores no corpo, provocadas pela surra, pelas cólicas, ainda tremia de frio e sentia muita fome e sede. Ele se lembrou então da mina: a essas horas, devia estar deitado junto com os companheiros, depois de ter comido seu prato de arroz com feijão e tomado a caneca de café com leite quente. Isso era bom, era melhor do que o que havia escolhido. Bem que os companheiros o haviam alertado: o que era bom e bonito estava na parede da cova, o que tinha fora era ruim, era feio. Levantando-se com dificuldade, começou penosamente a caminhar e se dirigiu para a mina. Dentro de si, jurava nunca mais sair, pois tinha aprendido uma dura e cruel lição.

Os companheiros ainda dormiam, ele se encaixou entre eles e, protegido do frio, adormeceu satisfeito. No outro dia, foi motivo de caçoada quando contou suas agruras, mas não se ofendeu com isso: era tudo sua culpa. Por isso mesmo,



procurando esquecer os momentos desagradáveis por que passara no exterior, entregou-se ao trabalho, a boca já salivando com a promessa do prato de arroz com feijão e da caneca de café com leite. Esperava também com ansiedade as imagens da parede que não eram nada ameaçadoras pelo contrário, por serem diáfanas, suaves, davam-lhe muita paz de espírito.

O tempo passou, uma epidemia acabou com muitos de seus companheiros, que já não eram mais jovens. Muito pelo contrário, haviam envelhecido e, por isso mesmo, desincumbiam-se com muita dificuldade de suas tarefas. Como era penoso escavar com a pá! Sem contar que o ouro vinha se mostrando cada vez mais escasso, o que teve como consequência a diminuição das rações. A sorte de Zé é que os proprietários da mina ainda não se haviam dado conta de que a maioria dos trabalhadores havia morrido, de maneira que as rações de arroz com feijão e de café com leite eram ainda bem fartas. Até que chegou um dia, Zé se viu sozinho – o último companheiro morrera em seus braços, vitimado de uma febre. Após enterrá-lo no cemitério improvisado nos fundos da cova, ele ficou longo tempo refletindo que não poderia mais contar com o calor de nenhum companheiro para protegê-lo do frio. Por outro lado, ainda tinha o alimento diário e o consolo do espetáculo das sombras. Era o que lhe bastava para viver feliz.

Contudo, um dia, foi acordado por um grande estrondo. Levantou-se, assustado, e viu a parede da mina desabando. E justo a parede, onde ele costumava ver suas preciosas imagens. A poeira que o fez tossir bastante abaixou, e homens apareceram diante dele. Tinham aparência ameaçadora: usavam botas e um estranho chapéu munido de uma lâmpada com um forte foco de luz.

- Quem é você? – um deles lhe perguntou agressivamente.

- Zé.

- O que faz aqui?

- Tirando pedra.

Os homens cochicharam entre si, em seguida, o que vinha à frente disse:

- Você pode ir embora, seu trabalho terminou.

- E a comida?

- Seu trabalho terminou – insistiu de maus modos o homem. – Deve ir embora já.

Isso tudo vai ser derrubado.



Zé permaneceu no mesmo lugar. Os homens voltaram a cochichar e, novamente, o que vinha à frente disse:

- Você não tem mais o que fazer aqui. Não queremos problemas, portanto, vamos dar você algum dinheiro e uma carona até a cidade.

Zé não disse nada, reagiu ao fato, como costumava reagir diante de tudo, ficando quieto e parado no mesmo lugar. Sem mais explicações, deram-lhe um prato de arroz com feijão, um pouco de dinheiro, uma muda de roupa e o embarcaram num caminhão. O veículo rodou por várias horas até chegar no centro da cidade, onde ele foi despejado numa praça. Aturdido, assustado com o movimento das ruas, Zé sentou-se num banco. No começo da noite, mendigos da região roubaram-lhe as roupas e o dinheiro. Ele não reagiu e continuou sentado, observando todo aquele movimento inusitado. Mas foi desperto do seu letargo, quando, num determinado momento, um poderoso clarão ofuscou-o. Levantando os olhos, deu com o outdoor profusamente iluminado. Lá do alto, a mulher loira, quase nua, sorria-lhe. Maravilhado, Zé cravou os olhos nela: era toda em ouro, brilhava intensamente e lançava-lhe um olhar úmido de prazer, de alegria, como jamais tivera oportunidade de contemplar em toda sua miserável vida. Era bonita! Definitivamente, era muito bonita, a coisa mais bonita que havia! Por isso, mesmo quando vieram a fome e o frio, não se incomodou com esse fato, porque, afinal, tinha o que o sustentasse para sempre.

Até que vieram os policiais e o tiraram de seu enleio e de seu encanto. E lá estava ele diante de mim, terminando candidamente de contar sua história. Como nada mais me restasse a fazer, preenchi sua ficha, recomendando que o acolhessem no abrigo, porque ele não tinha condições nem físicas, nem psicológicas de voltar às ruas. Redigi, carimbei e assinei, embora soubesse que era inútil – como a rotatividade no abrigo era enorme, daí a uns dois, três dias, ele seria despejado novamente no coração da cidade, para, quem sabe, voltar a contemplar o seu efêmero absoluto.